

Os direitos que outros têm sobre você: lembre-se deles.
Os direitos que você tem sobre outros: esqueça-os.

Sayedna Ali

SUMÁRIO

- 1 PREFÁCIO
- 3 ASSUNTOS TRATADOS EM PENSADORES DO ORIENTE
- 5 UMA MORTE É INDICADA
- 8 COMUM
- 9 CORAGEM
- 10 UM DISCÍPULO DE HAIDAR
- 11 O MAIOR DOS NOMES
- 13 O LIVRO DA SABEDORIA
- 14 KADUDAR E A PEREGRINAÇÃO
- 15 DISPENSA
- 16 PALAVRAS DE ISRAIL DE BOKHARA
- 17 TERRAS DE GURUS
- 18 NILI
- 20 COMO O HOMEM É SUSTENTADO
- 21 JAN FISHAN E O BUSCADOR
- 23 Oponentes
- 24 EXCLUSÃO
- 25 A PEDRA FILOSOFAL
- 26 BARBARI E O IMITADOR
- 27 ISKANDAR DE BALKH
- 29 ALI, FILHO DO PAI DO BUSCADOR
- 30 RABIA AL-ADAWIYA
- 31 ABBUD DE OMDURMAN
- 32 AJAMI
- 33 CONVERSÃO
- 35 ELEVADO E REBAIXADO

- 36 PERPLEXIDADE
- 38 ADVERTÊNCIA AOS DISCÍPULOS
- 39 HASAN DE BASRA
- 41 O QUE FAZER
- 42 O TESTE
- 45 OS CEM LIVROS
- 46 VEÍCULO
- 47 A FÓRMULA
- 48 A VIDA E OS FEITOS DOS MESTRES
- 49 MUDANÇA
- 50 APETITE
- 52 ÓLEO, ÁGUA, ALGODÃO
- 53 SAYED SABIR ALI-SHAH
- 54 EM MECA
- 55 HALQAVI
- 56 AS VIAGENS DE KAZWINI
- 58 INCONGRUÊNCIAS
- 59 UM RELATO DE KIRMANI
- 60 A TERRA DA VERDADE
- 63 LINGUAGEM
- 64 QUASE UMA MAÇÃ
- 65 ETIQUETA
- 67 REAÇÕES
- 69 MOTIVAÇÃO
- 70 TRÊS INTERPRETAÇÕES
- 71 CAPOEIRA
- 72 AREIA RAIADA
- 73 BUSCAR APRENDER A BUSCAR
- 74 A NECESSIDADE DO ENSINAMENTO

- 75 OBSERVANDO AS PRÓPRIAS OPINIÕES
- 76 GRANDE VALOR
- 77 ANALOGIA
- 78 PESSOAS DE SORTE
- 79 VALOR EM DINHEIRO
- 80 O HOMEM QUE DEU MAIS... E MENOS
- 81 QUANDO ATÉ MESMO OS REIS SÃO FRACOS...
- 83 CONVERSÃO
- 84 ASTROLOGIA
- 86 EU FAREI COM QUE SE LEMBRE
- 87 A PRÓXIMA GERAÇÃO
- 88 SE ELE PARECE BOM, ELE É BOM
- 89 GOVERNANTE E GOVERNADO
- 90 HARIRI, O HOMEM BOM
- 91 CHAMALOTE
- 93 RESPEITO
- 94 A LENDA DOS TRÊS HOMENS
- 95 MISTÉRIO
- 96 MERCADOR DE SEGREDOS
- 98 PROJEÇÃO DISTANTE
- 99 IMAM BAQIR
- 100 AJNABI
- 102 RAHIMI
- 103 LEITURA
- 104 HAJI BEKTASH WALI
- 105 O LIVRO DO ABSURDO
- 106 SHAKIR AMALI
- 107 COMO E O QUE ENTENDER
- 109 DESLOCAMENTO

- 110 REPARTINDO OS CAMELOS
- 112 REVOLTANTE
- 113 LEIS
- 114 EXEMPLO
- 116 O MILAGRE
- 117 TODO LUXO
- 118 INADEQUADO
- 120 SAYED SULTAN
- 121 TRÊS HOMENS DO TURQUESTÃO
- 122 SENSAÇÃO
- 123 A JOIA PRECIOSA
- 124 O PREÇO DE UM SÍMBOLO
- 125 A RODA D'ÁGUA
- 126 RAUF MAZARI
- 127 O SIGNIFICADO DE UMA LENDA
- 129 ARDABILI
- 130 CONHECIMENTO INTERIOR E CONHECIMENTO EXTERIOR
- 131 O MESTRE SECRETO
- 132 UMA IDA MATINAL AO MERCADO
- 134 MUSGO
- 135 BAHAUDIN E O ERUDITO
- 137 VISITAR E OBTER
- 138 BAHAUDIN
- 139 BAHAUDIN NAQSHBAND
- 140 ARMAZENANDO E TRANSMITINDO
- 141 COMO É SER UM MESTRE
- 142 A FUNDAÇÃO DE UMA ESCOLA
- 143 OPULÊNCIA
- 144 SABEDORIA

145	LUXO E SIMPLICIDADE
146	A CARAVANA
147	MAÇÃS GIGANTES
149	ESFORÇO
150	O NOVO INICIADO
152	INCONTESTÁVEL
153	LITERALISMO
154	HILMI
155	O CONHECIMENTO ELEVADO
156	CHARIKARI
157	HAZRAT BAHAUDIN SHAH
159	DIFÍCIL
160	PRESENTES
161	NAHAS
162	CHANCES
164	SIYAHPOSH
165	A MISSÃO DIPLOMÁTICA CHINESA
167	A PERGUNTA
168	TRANSIÇÃO
170	VER
171	A DELEGAÇÃO SÍRIA
173	LITERATURA
174	AMBIENTE
175	ANDAKI
176	COMPRADOR E VENDEDOR
177	APRENDER POR MEIO DE SINAIS
178	O ASSASSINO ABSOLVIDO
180	HALABI
181	A MORADA DA VERDADE

182	DIREITOS E DEVERES
183	ALISHER NAWAI
184	O DESENHO
186	PROCESSOS PRÁTICOS NO SUFISMO
191	AS REGRAS DAS ESCOLAS
193	DISCIPULADO E DESENVOLVIMENTO
198	CONSELHOS DE BHAUDIN
203	A LENDA DE NASRUDIN
209	A BUSCA SUFI

PREFÁCIO

Embora os materiais apresentados neste livro tenham sido uma parte orgânica do estudo prático-filosófico oriental por muitos e muitos séculos, sua publicação, até ontem, por assim dizer, teria sido impossível. A razão para isso é que indivíduos altamente articulados, tanto no Oriente quanto no Ocidente, estiveram, de modo geral, aferrados à crença de que somente um tipo específico de pensamento organizado poderia ser adotado para o aprendizado. A questão, no entanto, é que todos os precedentes, todos os livros, todas as tradições que produziram os grandes pensadores do passado no Oriente não apresentam, praticamente, nenhum vestígio do que é considerado, hoje em dia, uma organização.

Se você perguntasse a um sábio oriental tradicional a respeito do seu “sistema”, ele olharia para você da mesma forma que um médico moderno se lhe fosse pedida a “panaceia para todos os males”. Talvez ele convidasse você a se dirigir a um charlatão de feira popular. Certamente ele diagnosticaria você como um primitivo que ainda tem de aprender a primeira lição sobre o conhecimento.

Qualquer inspeção da literatura “especializada” sobre os pensadores orientais e suas escolas mostrará a situação ridícula de que os materiais disponíveis foram cada vez mais minuciosamente examinados, cada vez mais cuidadosamente ordenados, em uma forma cada vez mais mecânica — não sem o acompanhamento de murmúrios intrigados —, e os resultados tornaram-se mais e mais escassos. Este fato foi apresentado de forma sucinta por aqueles que observaram que os eruditos dese-

jam estudar os místicos, mas os místicos nunca têm necessidade de estudar os eruditos.

Felizmente, em lugares e em círculos que escaparam aos modismos de uma demanda por sobressimplificações ou sistemas rígidos, onde se compreendeu que a necessidade essencial é buscar, preservar e transmitir conhecimento, o método de “prescrever” estudos para indivíduos e grupos de acordo com as necessidades do ensinamento, exclusivamente, foi mantido de forma contínua.

Com a atual ameaça de extinção da espécie mais inútil de pedante enfadonho — cujo único êxito foi dar ao escolasticismo seu desmerecido mau cheiro —, o pêndulo está retornando.

Este livro apresenta — organizados de uma maneira ditada pela tradição, e não por uma ordenação obsessiva superficial — materiais que pertencem ao ensinamento sufi, selecionados de acordo com as necessidades do momento. Poderia ser designado: experimentalismo específico aplicado.

A ampla acolhida, tanto por parte dos acadêmicos quanto por outros círculos, de volumes anteriores que apresentam um material semelhante, indica que há um apreço por ele e, talvez, um uso para ele.

Idries Shah, 1971

ASSUNTOS TRATADOS EM PENSADORES DO ORIENTE

Sistemas de estudo; o “Segredo Sufi”; solução de problemas por meio do pensamento não-linear; métodos para selecionar discípulos; grupos especiais para o estudo interior; uso e abuso da literatura; diferentes domínios do pensamento; razões para se dispensar alunos; o papel do ensinamento superior; diversos tipos de mestres; o “Mestre da Era”; esclarecendo falsas suposições; comportamento paradoxal; “feitos e milagres”; treinamento especial; riqueza e pobreza; adquirindo objetividade; como as pessoas aprendem por meio de “treinamento paralelo”; testando aspirantes a buscador; livros e cerimoniais; fórmulas invocatórias especiais; o modo de estudar a vida de sábios do passado; as razões para as diferentes formas externas do ensinamento; distinguindo os imitadores dos instrutores verdadeiros; comparações entre distintas dimensões do conhecimento; observando motivações básicas; ensinando por demonstração; determinando o denominador comum no estudo; ilustrações do estado interior; o conhecimento é distinto da opinião; auto-observação; por que são empregadas analogias; parábola do trabalho dos indivíduos conhecidos como Os Desenhistas; sistema de aprendizado indireto; meios empregados para comunicar um “pensamento equivalente”; exemplos de atuação ilustrativa; efeitos da participação em “cerimônias místicas”; ser “útil na realidade, e não na aparência”; razões para se “vender conhecimento”; como os discípulos aprendem por meio de procedimentos especialmente elaborados; os efeitos da emoção e do intelecto nos estudos; investigações astrológicas; sugestões inculcadas; como pensadores

mais elevados afetam os acontecimentos; intercâmbios instrucionais em escolas místicas; fazendo uso eficaz de características negativas; o significado interno do serviço externo; alteração da expectativa; a criação de um ar de mistério; a publicação de uma literatura absurda; materiais projetados de acordo com as contingências do momento; ilustrando impressões falsas; raiva; mantendo as metas e os métodos alinhados; cortejando a crítica e as reações a ela; o sucesso mundano e seu valor; métodos e vantagens da atividade social; doutrina do “pagamento” antecipado pelo esforço; alegoria da tarefa humana; simbolismo e efeito em assuntos financeiros; lendas sobre a disseminação do Ensino; a realidade da qual “o homem” é uma alegoria; o nível da capacidade de perceber “ensinamentos secretos”; aprender por meio de palavras e sinais; substituição de sistemas de ensino externos; armazenamento e transmissão de comunicações sutis; corrigindo posturas incapacitantes; operações camufladas; a necessidade de digerir os materiais a uma certa velocidade; alegoria das técnicas de docência; desejo real e desejo imaginado.

UMA MORTE É INDICADA

Era uma vez um dervixe que tinha sessenta discípulos. Ele os havia ensinado da melhor maneira possível, e chegou o momento de passarem por uma nova experiência.

Ele reuniu os discípulos e disse:

“Devemos, agora, partir em uma longa jornada. Algo, não sei bem o quê, acontecerá no caminho. Aqueles que assimilaram o suficiente para ingressar nesse estágio serão capazes de me acompanhar. Mas, primeiro, todos vocês têm de memorizar esta frase: ‘Eu devo morrer em vez do dervixe.’ Estejam preparados para gritá-la a qualquer momento, sempre que eu erguer os dois braços.”

Muito desconfiados das motivações do dervixe, alguns discípulos começaram a murmurar entre si. Nada menos do que cinquenta e nove dos sessenta discípulos o abandonaram, dizendo: “Ele sabe que em algum momento estará em perigo e está preparando tudo para nos sacrificar em seu lugar!”

Eles disseram ao dervixe: “Talvez você esteja planejando algum crime, até mesmo um assassinato. Nunca poderemos segui-lo nesses termos.”

O dervixe e o único companheiro que lhe restou iniciaram a viagem.

Acontece que um tirano, dos mais terríveis e injustos, conquistou a cidade vizinha pouco tempo antes dos dois chegarem. Ele queria consolidar seu governo com um ato de força dramático. Então, reuniu seus soldados e ordenou:

“Capturem um viajante de aspecto humilde e conduzam-no até a praça pública para ser julgado. Proponho sentenciá-lo

como herético.”

Os soldados responderam: “Ouvimos e obedecemos.” E saíram às ruas e saltaram sobre o primeiro viajante que encontraram. Por acaso, tratava-se do discípulo do dervixe.

O dervixe seguiu os soldados até o local onde o rei se encontrava, enquanto todos os cidadãos, ouvindo os tambores da morte e tremendo de medo, aglomeravam-se ao redor deles.

O discípulo foi atirado ao chão diante do trono, e o rei disse: “Decidi usar um vagabundo como exemplo para o povo de que não vamos tolerar discordâncias ou tentativas de fuga. Você morrerá imediatamente.”

Ao ouvir isso, o dervixe bradou:

“Aceite *minha* vida, ó Poderoso Monarca, em lugar da vida desse jovem inútil! Sou mais culpado do que ele, pois fui eu quem o induziu a se entregar a uma vida errante!”

Dito isso o dervixe ergueu os dois braços acima da cabeça, e o discípulo gritou:

“Magnificante Rei! Por favor, permita que eu morra. Eu devo morrer em vez do dervixe!”

O rei ficou muito impressionado. Ele recorreu aos conselheiros:

“Que tipo de gente é essa, disputando entre si para experimentar a morte? Se isso é heroísmo, não poderia inflamar as pessoas contra mim? Aconselhem-me sobre o que fazer.”

Os conselheiros conferenciaram por algum tempo. Então disseram:

“Pavão da Era! Se isso é heroísmo, não há muito o que fazer, exceto agir de forma mais brutal até que as pessoas se deem por vencidas. Mas, não temos nada a perder se perguntarmos a esse dervixe por que está tão ansioso para morrer?”

Quando lhe perguntaram, o dervixe respondeu:

“Majestade Imperial! Foi profetizado que, no dia de hoje,

neste local, um homem morreria e se reergueria, e desde então seria imortal. Certamente, ambos, meu discípulo e eu, queremos ser esse homem.”

O rei pensou: “Por que tornar outra pessoa imortal, se eu mesmo não o sou?”

Depois de um momento de reflexão, ele ordenou que o executassem imediatamente em lugar dos andarilhos. Então, os piores entre os cúmplices do rei, ávidos pela imortalidade, mataram-se.

Nenhum deles se ergueu novamente, e o dervixe e seu discípulo seguiram seu caminho em meio à confusão.

COMUM

Rashid Sitarazad recebeu um grupo de pretensos alunos, cuja cabeça estava completamente ocupada com seus feitos e a empolgação de chegar tão perto da fonte do Ensino.

Rashid ordenou:

“Que um de vocês seja o porta-voz e me informe sobre o que sentem.”

Um dos visitantes deu um passo à frente e disse:

“Estamos estimulados pela Presença, ávidos pelo Conhecimento e elevados pela Tradição.”

Rashid comentou:

“Essa é uma descrição fiel dos seus sentimentos. Como todos vocês adoram o empolgante, eu terei de lhes dar o banal. Vocês aprenderão por meio da vida. E a vida — a chave para o conhecimento — é a coisa mais banal de todas. Vocês terão de passar por experiências que os farão compreender a vida, e não torná-la mais interessante.”

Um dos presentes exclamou:

“O homem que você pediu que nos representasse fala por si mesmo, e ainda assim devemos ser julgados pelo seu comportamento?”

Rashid respondeu:

“Ele pode pensar que fala por todos vocês. Vocês podem achar que ele fala apenas por si mesmo. Mas fui eu que concordei que ele falasse por todos. Vocês já estão contestando a minha autoridade? Isso mostra que anseiam pela empolgação e confirma as palavras que estão tentando refutar!”

CORAGEM

Um homem muito culto e vigoroso foi até o Hakim Husseini e disse:

“Não vim pedir por mim, mas tenho certeza de que se você fosse eu e conhecesse meu amigo Dilawar, perceberia que ele é nada menos que um sufi e o receberia e faria dele um parceiro nas suas investigações e nos seus estudos, e se deleitaria com sua encantadora presença.”

O Hakim respondeu:

“Eu, de fato, admiro sua coragem (*dilawari*), pois nunca fui capaz de reconhecer um sufi da maneira como você reconheceu.

Como meu círculo está avançando a partir de pressupostos diferentes, receber Dilawar poderia ser um prazer, mas poderia, também, significar lidar com ele em particular, pois nenhum dos meus companheiros é capaz de se relacionar com um homem assim. A jornada para a maioria começa com a infância, e se você tem uma classe de crianças e sabe qual será seu destino, isso não significa que pode aceitar um único estudante extra, que, de qualquer forma, precisaria da relação de uma classe inteira de seus contemporâneos para capacitá-lo a fazer o progresso requerido.”

UM DISCÍPULO DE HAIDAR

Haidar ouviu um discípulo dizer:

“Estou feliz por não ter comprado tal livro, pois agora cheguei à Fonte do seu conhecimento. Eu economizei sofrimento e um gasto desnecessário.”

Depois de um ano, Haidar entregou-lhe um livro, dizendo:

“Você me serviu por doze meses. O valor do seu trabalho foi de cem *dirhams*. Esse é o preço deste livro.

Você não teria pago cem peças de prata por um objeto inanimado tal como um livro, e poucas pessoas o fariam. Mas eu fiz você pagar, e aqui está o livro.

Um camelo é caro por um centavo, se você não precisa de um camelo.

Uma única palavra é barata por mil peças de ouro, se ela é essencial para você.

Se quiser retornar à Fonte do Ser, você sempre terá de dar o primeiro passo, mesmo que esteja pedindo permissão para dar o centésimo.”

O MAIOR DOS NOMES

Um faquir na Índia perguntou a um sufi se ele lhe diria o Maior dos Nomes, o Centésimo Nome de Allah. Aqueles que o conhecem podem operar milagres, alterando o curso da vida e da história. Ninguém pode conhecê-lo enquanto não for digno.

O sufi respondeu:

“De acordo com a tradição, eu devo, primeiro, aplicar em você o teste que mostrará sua capacidade. Você irá até o portão desta cidade e permanecerá lá até o cair da noite. Depois, voltará para me descrever algo que terá testemunhado.”

O faquir avidamente fez o que lhe fora ordenado. Depois do anoitecer, ele voltou e fez seu relatório ao sábio nesses termos:

“Como indicado, eu me posicionei no portão da cidade em estado de alerta. O incidente que mais me impressionou ao longo do dia se refere a um idoso. Ele queria entrar em nossa cidade com uma carga de lenha gigantesca em suas costas.

O guardião insistiu que ele pagasse uma taxa sobre o valor da sua mercadoria. O velho, não tendo um tostão sequer, pediu que lhe fosse permitido vender a lenha primeiro. Percebendo que ele não tinha amigos e estava indefeso, o guardião obrigou o homem a entregar a lenha, que roubou para si mesmo. O velho foi afugentado com golpes cruéis.”

O sufi perguntou:

“Quais foram seus sentimentos quando viu isso?”

O faquir respondeu:

“Eu desejei mais intensamente ainda conhecer o Maior dos Nomes. Se eu o conhecesse, as coisas teriam sido diferentes para aquele desafortunado e inocente lenhador.”

O sufi disse:

“Ó homem nascido para alcançar a felicidade! Eu aprendi o Centésimo Nome com meu próprio mestre, depois de ter testado minha resolução e apurado se eu era um emocionalista impulsivo ou um servidor do homem, e depois de ter me submetido a experiências que me permitiriam ver meus próprios pensamentos e minha própria conduta.

O Centésimo Nome é para o serviço de toda a humanidade, o tempo todo. Meu Mestre não era outro senão o lenhador que você viu hoje no portão da cidade.”

O LIVRO DA SABEDORIA

Simab anunciou:

“Eu venderei o *Livro da Sabedoria* por cem peças de ouro, e algumas pessoas dirão que é barato.”

Yunus Marmar acrescentou:

“E eu darei a chave para entendê-lo, e quase ninguém a aceitará, mesmo de graça.”

KADUDAR E A PEREGRINAÇÃO

Um certo *kalandar* topou, em suas viagens, com o sábio Kadudar e fez a ele a pergunta que há anos o deixava transtornado:

“Por que você proíbe seus seguidores de fazer a peregrinação? Como pode o homem proibir o que foi ordenado no Alto?”

Kadudar, cujo nome significa “possuidor da cabaça”, ergueu uma abóbora seca e disse:

“Você pode proibir esta abóbora de ser uma abóbora? Ninguém pode proibir o cumprimento de uma ordem celestial. Portanto, mesmo que um homem pareça estar fazendo isso, na realidade isso é impossível.

O dever do Guia, entretanto, é assegurar que as peregrinações não sejam realizadas por pessoas em um estado interior inadequado, da mesma forma que os guardiões do Santuário impedirão qualquer um em um estado exterior inadequado de levar a cabo os rituais da peregrinação.

Toda peregrinação tem um aspecto externo e um interno. O homem comum ajudará o peregrino quando ele precisar de dinheiro ou comida, e o levantará quando ele cair na estrada. O Homem do Caminho, discernindo diligentemente necessidades semelhantes na vida interior, é compelido a prestar ajuda à sua própria maneira.”

DISPENSA

Alguém disse a Bahaudin Naqshband:

“Deve ter sido doloroso para você dispensar o estudante tal.”

Ele respondeu:

“A melhor de todas as maneiras de testar e ajudar um discípulo, se for possível, pode ser dispensá-lo. Se ele se voltar contra você, terá a chance de observar sua própria superficialidade e os defeitos que levaram à dispensa. Se ele lhe perdoar, terá a oportunidade de ver se há nisso qualquer coisa de falsa devoção. Se recuperar seu equilíbrio, ele será capaz de beneficiar essa nossa matéria (o Ensino) e, especialmente, de beneficiar a si mesmo.”

PALAVRAS DE ISRAIL DE BOKHARA

O Ensino é como o ar.

O homem habita nele, mas não consegue perceber por meio de uma sensação verdadeira que se não fosse por ele estaria morto.

Ele pode ver o ar apenas quando está poluído — como na fumaça subindo —, e por seus efeitos.

Ele vê o ar poluído, respira-o e pensa que é uma substância pura.

Desprovido dele, o homem morre. Mas quando está sufocando, ele tem alucinações e quer remédios, enquanto que o que precisa é que o ar seja restaurado.

Ele pode se tornar consciente do ar e tirar mais proveito dele, ao se dar conta de que é uma substância comum tratada com tamanha negligência que ninguém nota sua presença.

TERRAS DE GURUS

Um mercador em visita a um sufi perguntou:

“Alguns países estão lotados de gurus, mestres espirituais com fórmulas e doutrinas de todo tipo. Por que existem tão poucos dirigentes sufis de círculos locais? E por que esses poucos, quando são publicamente conhecidos, revelam-se meros imitadores ou repetidores de exercícios transmitidos por outra pessoa?”

O sufi respondeu:

“São duas perguntas que têm uma única e mesma resposta. A Índia, por exemplo, está cheia de gurus e adoradores de tumbas; e sufis autênticos publicamente conhecidos são mais do que raros, porque os gurus e seus seguidores estão brincando e os sufis estão trabalhando. Sem o trabalho sufi, a humanidade desapareceria. A Índia é uma terra de encantadores de serpentes; os gurus públicos são encantadores de gente. Eles divertem as pessoas. Os santos secretos trabalham para as pessoas. A atividade do homem é buscar os mestres secretos. A atividade das crianças é buscar diversão.

Você não reparou os bandos de ex-discípulos de gurus que diariamente nos rodeiam, e o fato de que nem mesmo um entre cem pode ser admitido, pois foram ensinados a desfrutar de algo que deveriam, na verdade, ter sido ensinados a aprender?”

NILI

Alguém descobriu que Nili estava dando exercícios, música e entretenimento para seus discípulos, bem como encorajando-os a ler livros e a se reunir em lugares exóticos.

Esse crítico disse ao sábio:

“Perdi a conta de quantos anos você lutou contra essas superficialidades e ostentações! Agora descubro que as está usando em seu suposto ensinamento. Abandone essa prática imediatamente, ou explique-a para mim.”

Nili respondeu:

“Eu não tenho nem de abandoná-la nem de explicá-la, mas fico feliz de informá-lo. Esta é a razão: dou exercícios para pessoas que podem compreender para quê eles servem. A maioria das pessoas não compreende; são como aqueles que foram a um restaurante e, em vez de tomar a sopa, apaixonaram-se pelo cozinheiro. As pessoas escutam música com o ouvido errado, então eu lhes nego a música até que possam se beneficiar dela, e não se distrair com ela. Enquanto não sabem para quê ela serve, elas consomem música como quem aquece as mãos em um fogareiro que poderia estar cozinhando algo. Quanto ao ambiente, algumas atmosferas são cultivadas por estetas, que, dessa forma, privam-se do seu valor adicional e ensinam outros a parar antes de terem adquirido alguma coisa de real valor. Essas pessoas são como aquelas que saíram em peregrinação e a única coisa em que conseguem pensar é no número de passos que deram.

Quanto aos exercícios, não posso dá-los a ninguém — da mesma forma que não posso permitir que leiam livros — enquanto não aprenderem que existe um conteúdo mais profundo

do que a superficialidade de sentir o aroma da fruta e se esquecer de que ela está ali para ser comida. Ninguém está se opondo a que sintam o aroma, mas, se se recusarem a comer, em pouco tempo todos estarão mortos.”

COMO O HOMEM É SUSTENTADO

O Imam Putsirr anunciou:

“As pessoas visitam o Mestre da Era para obter o que, na verdade, são pequenos benefícios.

Se elas se dessem conta disso, tirariam proveito dos grandes benefícios que sempre lhes foram oferecidos pelo Mestre da Era.

O maior deles é que a comunidade humana inteira, e não apenas um bando de ‘crentes’, só continua a existir na forma física graças ao trabalho e à vida do Mestre da Era.

Este fato é tão impressionante e improvável, que é chamado, pelos Eleitos, de ‘o segredo que está completamente oculto por sua improbabilidade imediata.’”

JAN FISHAN E O BUSCADOR

Um homem se aproximou de Jan Fishan e disse:

“Eu segui muitos mestres e estou em contato com um grande número de pessoas sábias. Por favor, dê-me sua atenção e ajuda.”

Jan Fishan respondeu:

“A melhor maneira de ajudá-lo é chamar sua atenção para o fato de que você está sendo falso com um mestre, para não dizer com ‘muitos’, se ainda está vagando por aí e se dirigindo a mim, mesmo depois de tê-los encontrado. A melhor maneira de servi-lo é, se de fato você conhece esses mestres, implorar a você que retorne para um deles e realmente aprenda. Se você tivesse aprendido alguma coisa, saberia que não deve ficar correndo entre dois poços como o cachorro sedento e cobiçoso que acabou perecendo, não de sede, mas de exaustão.”

Em seguida, Jan Fishan leu a seguinte passagem do *Munaqib al-Arifin*¹:

“Maulana Shamsudin Multi relata que Rumi, um dia, em um discurso, declarou que o amava imensamente, mas que ele tinha um defeito. Multi implorou para saber qual era. Rumi disse que o defeito era imaginar que todos os tipos de coisas e de pessoas tinham mérito espiritual. Ele recitou:

Já que muitos homens têm
A interioridade de Satã,

1 De Shamsudin Aflaki, séc. XIV. (N. E.)

Deveríamos aclamar a todos como santos?
Quando o teu Olho Interior
Está aberto
O Verdadeiro Mestre
Pode, então, ser percebido!

Quando o olho interior de Multi estava aberto, Rumi recitou o verso a seguir, e ordenou a todos os discípulos que o decorassem:

Neste bazar de
Ocultos vendedores de remédios,
Não corra para lá e para cá,
De loja em loja.
Mas, ao contrário, sente-se na tenda
Daquele que tem disponível o remédio verdadeiro!”